Universidades Lusíada

Pina, Pedro
Oliveira, Ana

Ética e cidadania : as novas tecnologias como interface para o serviço social

http://hdl.handle.net/11067/4163
https://doi.org/10.34628/0he2-yb27

Metadados

Data de Publicação	2002
Palavras Chave	Cidadania, Serviço social, Sociedade da informação
Tipo	article
Revisão de Pares	no
Coleções	[ULL-ISSSL] IS, n. 25-26 (2002)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-10-12T09:44:05Z com informação proveniente do Repositório

http://repositorio.ulusiada.pt

ÉTICA E CIDADANIA – AS NOVAS TECNOLOGIAS COMO INTERFACE PARA O SERVIÇO SOCIAL

Pedro Pina e Ana Oliveira

Deslumbrados e ingenuamente crentes nos efeitos automáticos da ciência e da tecnologia para a ordem e progresso (o imparável processo económico e tecno-científico do desenvolvimento do capitalismo) somos confrontados com a paradoxalidade de graves problemas sociais. Vivemos num mundo de "incontroláveis acelerações tecnológicas" que diariamente cria e recria novos significados e representações.

A profunda revolução tecno-científica que cruza o nosso planeta é o fino alicerce das mutações societárias com que nos confrontamos.

O fenómeno da globalização é hoje um conceito incontornável no contexto sociopolítico, que associado à evolução da humanidade foi sendo absorvido pelas sociedades modernas. Sendo o homem por natureza um ser social, o processo de socialização encara novos modelos, novas formas. Acrescido a este processo a noção de territorialidade individual vai sendo decapada, a sociedade de informação viabiliza o homem enquanto cidadão do mundo deitando para trás as fronteiras naturais. Encaixa neste pressuposto a preocupação pela efectiva materialização dos direitos, uma nova dimensão de cidadania que envolve o homem num novo olhar sobre os direitos no enlace com o conceito de liberdade, enquadrando liberdade enquanto conquista diária, através da participação com os outros. Contudo, nunca se pode ser totalmente livre se o outro sujeito com que devo ser solidário sofre restrições básicas e nesta

óptica a plena liberdade só é conseguida quando todos os direitos de todos são respeitados.

De facto a sociedade de informação é vector chave para uma percepção mais globalizante das fragilidades sociais, possibilitando um processo de consciencialização mais firme e mais capaz para uma verdadeira sociedade de direito. Nesta teia a utilização de novas tecnologias obriga a um reordenamento de aprendizagem e saberes que bem utilizados, facultarão a assunção de uma "nova ordem crítica e humana" em que o pressuposto de participação é elemento representativo e crucial dando corpo a uma sociedade democrática. É nesse sentido que a participação deve ser assumida numa sociedade em que todos são sujeitos de direitos e deveres. Como sujeitos devem por isso ter voz e vez, ter oportunidade de poder manifestar e contribuir na construção dessa sociedade comum: ninguém quer de graça uma liberdade, uma igualdade, tudo isso tem de ser construído com a participação de todos.

Utilizando uma citação de um famoso escritor português, Eça de Queirós, "... o homem só é superiormente feliz quando é superiormente civilizado".

A progressiva generalização das novas tecnologias possibilita uma acção mais cívica ao cidadão, possibilitando a este o ser um actor mais atento ao seu meio, um protagonista efectivo do seu espaço, tornando-o um ser mais autónomo socialmente, capaz de se compreender a si e aos outros, num processo de socialização colectiva.

Porém, se os contornos da globalização assumem consequências que impõem uma necessária reorientação, mediando o fosso entre quem vai acompanhando o fulgor da expansão e para quem "cyberespaço" não passa de um vocábulo pouco decifrável, este contexto assume importância face a um mundo desequilibrado economicamente e tecnologicamente, onde a globalização não deverá ser mais acentuada na diferenciação entre sociedades, tendo mesmo em conta que porventura o ponto mais forte da resistência à globalização é a cultura (por um lado há uma partilha de cultura, mas por outro pode ser um forte oponente à globalização).

Com a globalização há quem diga que o Estado acabou, as multinacionais dominam sobre o Estado (economia contraditória), "os grandes capitalistas acham que o Estado é desnecessário, o capitalismo deve ser livre e sem condicionalismos, materializando-se assim a globalização do mesmo. Contudo, se algo corre mal a responsabilização é remetida ao Estado, esperando deste respostas. Encaramos assim uma sociedade em que a globalização é tanto factor desagregador como aglutinador.

É neste panorama que o Serviço Social como disciplina da área das Ciências Sociais não poderá dissociar-se de uma necessária reflexão deste contexto, pois é nele que vai intervir, assumindo-se este espaço de intervenção como algo novo e desafiante, colocando ao Serviço Social uma grande margem de progressão de

indubitável reorganização, de estratégia e metodologia para uma nova etapa societária. O Serviço Social enquanto disciplina de vanguarda na era do social não poderá dissociar-se de um contexto que também é seu, encarando novos desafios ao seu desempenho e neste sentido, protagonizando uma viragem que reflicta o seu espaço de intervenção.

Actualmente lançam-se desafios a uma profissão que lida diariamente com a vida quotidiana, sua e de outros, numa sociedade onde cada vez mais as marcas de exclusão e desigualdade se tornam tão vincadas. Marieta Koike afirma que "o conteúdo ético das nossas acções profissionais dá-se a conhecer no exercício quotidiano da prática" , neste sentido cabe questionar: Qual pode ser o projecto do Serviço Social frente às Novas Tecnologias ?

O assistente social não deve ser um estranho frente aos indivíduos com quem trabalha, no sentido de não estar comprometido com a realidade com que estes vivem. Para que isso não suceda supõe que o profissional tenha um conhecimento crítico do universo cultural dos indivíduos com quem trabalha, para igualmente contribuir para a transformação social das classes a que estes pertencem.

É neste contexto e a partir de algumas reflexões produzidas por alguns investigadores, como Gustavo Cardoso, Mário Franco, que nos atrevemos a lançar algumas questões que consideramos essenciais para a intervenção do Serviço Social

A intensificação da utilização da tecnologia, na actividade humana, reordena e reconfigura a experiência, dando sinais de grandes mutações no campo da informação, do saber e do conhecimento, fazendo surgir novos desafios, numa sociedade cada vez mais interligada numa rede complexa de signos e representações.

Novas formas de ser e estar, exigem de nós novas responsabilidades e novos mandatos sociais quanto à participação, quanto à cidadania, quanto à vida cívica. Estamos perante um novo Homem, fruto de uma sociedade onde prolifera o e-mail, o e-commerce, o e-learning, o on-line. Por conseguinte, estamos perante uma nova dimensão de cidadania, uma outra valência do humano onde a tecnologia invade todos os campos que se referem ao exercício de ser cidadão.

Desta forma falar de cidadania é falar de participação e participar é estar incluído, é não deixar de construir e de fazer parte de um mundo em "rede.com".

Falar de Novas Tecnologias (NT) e de Cidadania coloca a pergunta: Que papel poderão desempenhar as NT no exercício de ser cidadão?

As NT e nomeadamente a Internet cruzam duas culturas diferentes, que se manifestam como duas lógicas de utilização e consequentemente de participação. Fausto Colombo, denomina essas lógicas como "forças centrípetas e centrifugas, ou seja

forças que propiciam maior controlo ou maior liberdade" . No entanto estas não podem ser vistas como uma última fronteira para a transformação da sociedade a partir da primazia da liberdade individual, nem ser vistas como aquelas que terminarão com qualquer fronteira de privacidade.

O que ocorre não pode ser dissociado de uma realidade mais vasta. A realidade cultural das nossas sociedades não se limita às novas tecnologias, nem se sujeita às suas características numa relação unívoca. De facto, existe uma influência reciproca, a realidade é influenciada pelas N.T. que por sua vez influenciam essa mesma realidade. Manuel Castells, fala desta interdependência como "forma de organização social". Ou seja, para este autor a Internet e consequentemente as novas tecnologias representam para a organização da sociedade, nas suas diferentes dimensões, o que a introdução da fábrica representou para o processo produtivo, com todas as implicações que isso traz a nível familiar, cultural e relacional. Oferece assim, novas formas de identidade, de afectividade, de organização do trabalho, de estruturação do emprego, de afirmação da cidadania, de geo-politica .

As Novas Tecnologias podem ser assim ferramentas importantes para o exercício de uma nova cidadania, que passa por ser criativos na sua utilização. Por exemplo, as Novas Tecnologias podem constituir novas formas de protesto.

De facto os "chats", espaços onde falamos de tudo um pouco, podem ser espaços de debate, troca de ideias e porque não, de definição de estratégias de acção, por exemplo as petições, os alertas para violações dos Direitos Humanos, os gestos de solidariedade, ou até alguns actos de pirataria podem representar novas estratégias. O mesmo se passa com os fóruns criados informalmente, ou por estruturas formais, como por exemplo o Infocid, que on line responde a questões colocadas pelos utilizadores.

Podem criar-se um conjunto de serviços novos, desconhecidos até hoje e impossíveis de realizar de outra forma. É possível uma interacção entre várias pessoas, diferentes, de níveis sociais e culturais diferentes sobre o mesmo tema. Podem gerar-se serviços e meios em conjunto. Hoje sabemos que a maior parte dos jovens não tem hipótese de obter toda a informação importante do ponto de vista da cultura cívica. Por exemplo, se o objectivo for conhecer profundamente a Declaração Universal dos Direitos Humanos, pode-se criar um módulo formativo sobre o tema, seminários, videoconferências, etc. e desde aqui promover uma verdadeira dinâmica participativa.

Consideramos que este é um dos grandes desafios ao Serviço Social: a possibilidade de se fortalecer a democracia política participativa, através do debate generalizado a todos os cidadãos, podendo ser uma forma positiva do uso da informação. Saber torna-se assim num espaço interactivo, esbatendo as barreiras locais que conduzem à desigualdade social.

O vislumbrar da construção de uma nova cidadania, é um desafio claro ao Serviço Social. E por isto mesmo, parafraseando Mário Franco, não se podem deixar de colocar três reivindicações: a primeira, é o custo do equipamento, hardware e software; a segunda é referente ao custo do acesso à net; e a terceira refere-se à formação .

Eis outro desafio para o Serviço Social: não é possível desenvolver uma sociedade de informação sem o desenvolvimento humano. São as pessoas que permitem que o "mundo pule e avance", como diz a canção. Não nos podemos esquecer que o que sustenta a organização de uma sociedade são as pessoas e estas só fazem fluir ideias se vivem bem , isto é , se têm uma vida com qualidade, e neste sentido há um conjunto de direitos que deve ser garantido, como patamar essencial para efectivar o desenvolvimento..

E isto implica reflectir que:

- A força transformadora reside na capacidade de criar utilizadores com uma perspectiva critica, capazes de lidar com a quantidade e qualidade da informação e com capacidade de dizimá-la.

- A mudança que já está em curso, dependerá muito da forma como é apropriada. O acesso à web e ao que se passa na net, acaba por ser mais um direito dos cidadãos, como é o direito à saúde e à educação. Mas questões como a criação de competências educacionais para a utilização de tecnologias, o custo de equipamento e comunicações, a par com o nível de vida de cada região e país, determinarão o sucesso ou insucesso da difusão desta tecnologia.

- É essencial que as pessoas dominem o computador, mas é sobretudo importante perceber como o mundo evolui. O centro deve ser a pessoa entendida como um ser global em interacção com o mundo e não dividida em partículas. As Novas Tecnologias são apenas instrumentos, tal como o é uma caneta, o importante é o conteúdo e o modo como se organiza esse conteúdo.

Pelo que as Novas Tecnologias trazem ao Serviço Social uma nova maneira de olhar o mundo, mas sobretudo de olhar o Homem enquanto pessoa global e neste sentido a sua intervenção passa necessariamente por um compromisso com a construção de uma forma de organização da sociedade capaz de humanizar a vida e isso traduz-se numa prática que deve possuir uma dimensão ético-política e que implica uma visão critica e um compromisso social.

Bibliografia

KOIKE, Mª Marieta (1993), "Notas Sobre Ética Profissional do Assistente Social", in Rev. Serviço Social e Sociedade, n.º 43, Cortez, p.142-154

Revista Juvenilia, "Novas Tecnologias de Informação, alternativas de participação", nº 18, 2000, ed Conselho Nacional da Juventude, p. 8-13

SERAFIM, Maria Rosário (1999), "A Sociedade de Informação, a valorização do local e a afirmação do agir colectivo: desafios à intervenção social", in Rev. Intervenção Social, n.º 20, ed ISSSL, p. 151-163

Notas

1 M.ª Marieta Koike (1993), "Notas Sobre Ética Profissional do Assistente Social", in Rev. Serviço Social e Sociedade, n.º 43, Cortez, p.142-154
2 Gustavo Cardoso (2000), " E a Internet aqui tão perto", in Rev. Juvenilia, n.º 18, CNJ, p.9
3 Gustavo Cardoso (2000), " E a Internet aqui tão perto", in Rev. Juvenilia, n.º 18, CNJ, p.9
4 Mário Franco (2000), "Internet – no uso do meio está a virtude", in Rev. Juvenilia, n.º 18, CNJ, p.10